

Empréstimo do FMI e perspectiva de estabilidade acalmam investidor

Crédito de US\$ 30 bi deve ser aprovado sexta-feira; primeira parcela é de US\$ 3 bi

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON – A aprovação do crédito de US\$ 30 bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o Brasil pela diretoria executiva da instituição, esperada para sexta-feira, comprovará o acerto da aposta da equipe econômica na saída que acabou transformando-se num pacto de transição entre os principais candidatos à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso e entre o País e seus credores, disseram ontem fontes oficiais e do mercado financeiro.

“Em certa medida, o mercado comprou a tese sobre a probabilidade de continuação da estabilidade que o (o presidente do Banco Central) Armínio Fraga apresentou em Nova York, na semana passada”, disse Lawrence D. Krohn, economista do ING Financial Markets. A recente ascensão nas pesquisas do candidato do PSDB, José Serra, e a queda de Ciro Gomes (PPS) também contribuíram para acalmar os investidores.

“Ninguém acredita, neste momento, que (o senador José) Serra tenha boas chances de vencer Lula, mas parece mais provável agora que ele (o candidato do PSDB) chegará ao segundo turno”, continuou Krohn. “As pessoas estão se acostumando com a idéia de que, se Lula ganhar, ele talvez não seja tão ruim e suas mãos, ao menos de início, estarão amarradas.”

A nova carta de intenção do go-

verno brasileiro e o memorando técnico preparado pelos técnicos do FMI circulam entre os 24 diretores executivos desde a semana passada. A aprovação do empréstimo colocará à disposição do governo brasileiro uma primeira parcela de US\$ 3 bilhões. Uma segunda parcela, também de US\$ 3 bilhões, será colocada à disposição do País em novembro, depois das eleições presidenciais.

Os restantes US\$ 24 bilhões do crédito ficarão como um incentivo ao bom comportamento da próxima administração: o dinheiro será desembolsado ao longo de 2003, em parcelas, mediante o efetivo cumprimento do acordo, que tem como premissa a manutenção da estabilidade dos preços e da disciplina fiscal.

No início do mês passado, quando o novo acordo foi anunciado, os críticos costumeiros das intervenções do FMI, como o economista Alan Meltzer, o denunciaram como mais um inútil desperdício de dinheiro público, que não evitaria a repetição de uma catástrofe econômica semelhante à da Argentina. Ale-gou-se também, na

SUBIDA DE
CANDIDATO
DO GOVERNO
TAMBÉM AJUDA

ocasião, que a operação, apoiada pelo Tesouro dos EUA, teria o objetivo de ajudar os grandes bancos americanos e internacionais, em dificuldades por causa das perdas com a Argentina e com o colapso de grandes empresas dos setores energético e de telecomunicações nos EUA que se envolveram em fraudes financeiras e contábeis.

Menos de três semanas mais tarde, as denúncias e previsões agorrentas, que soaram verossímeis diante da frustrante reação inicial do mercado ao anúncio do acordo, praticamente desapareceram e a aprovação do empréstimo ao Brasil é tida agora como fato líquido, certo e incontroverso.